



EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE MUDANÇAS ENCAIXADAS NO PB A PARTIR DOS TRABALHOS DE DUARTE (1992, 1993 e 1995): DA EXPANSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EXPRESSO ÀS ESTRUTURAS DE FOCALIZAÇÃO

EMPIRICAL EVIDENCE OF EMBEDDED CHANGES IN BP
FROM DUARTE'S WORKS (1992, 1993 and 1995): FROM THE
EXPANSION OF THE OVERT PRONOMINAL SUBJECT TO
FOCUSING STRUCTURES

Mayara Nicolau de Paula¹
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente texto se propõe a prestar uma homenagem à Maria Eugênia Duarte e seu importante trabalho desbravador no âmbito da sintaxe do Português Brasileiro. Para isso, pretendo retomar e apresentar brevemente três trabalhos produzidos pela autora nos anos 90 e buscar estabelecer relações entre as evidências encontradas por ela e novos olhares que seguem a mesma linha descritiva. Por fim, pretendo traçar uma relação entre as análises da referida autora com a noção de encaixamento da mudança linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968), demonstrando que a mudança na representação do sujeito pronominal desencadeou diversas outras mudanças na gramática do PB.

Palavras-Chave: Duarte (1992, 1993 e 1995); Mudança Linguística; Encaixamento.

¹ maynicolau@gmail.com

Abstract: *This text proposes to honor Maria Eugênia Duarte and her important pioneering work in the context of Brazilian Portuguese syntax. For this, I intend to briefly present three works produced by the author in the 1990s and seek to establish relationships between the evidence found by her and new perspectives that follow the same descriptive line. Finally, I intend to draw a relationship between the analysis of the author with the notion of embedding the linguistic change proposed by Weinreich, Labov and Herzog (1968), by demonstrating that the change in the representation of the pronominal subject triggered several other changes in the BP grammar.*

Keywords: Duarte (1992, 1993 e 1995); Linguistic change; Embedding.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Português Brasileiro (PB) conta com um vasto número de trabalhos descritivos que apresentam detalhadamente seus mais diversos comportamentos no âmbito da sintaxe. Desde o final dos anos 1980, a pesquisa linguística sobre a gramática do PB se desenvolve com cada vez mais força e, sem dúvidas, os trabalhos de Maria Eugênia Duarte se destacam junto com outros autores que abriram caminho para uma descrição mais apurada do nosso sistema. Um dos pontos que motivam a organização do presente texto é justamente recuperar, a partir das descrições oriundas dos trabalhos de Duarte (1992, 1993 e 1995), um breve histórico do que sabemos atualmente sobre a representação do sujeito pronominal e como esse fenômeno se relaciona com outros processos linguísticos no sistema do PB².

Diante disso, tenho como objetivo geral discutir como os trabalhos de Duarte (1992, 1993, 1995) contribuíram com importantes evidências empíricas para a descrição de fenômenos de mudança no PB. Para isso, tratarei de alguns tópicos mais gerais como questões relativas à ordem VS e a representação do sujeito pronominal e de temas de pesquisa mais específicos que foram, em alguns casos, motivados pelas referidas análises. A opção por partir dos trabalhos dos

² Tais processos linguísticos envolvem a mudança no sistema pronominal, algumas questões relacionadas à ordem dos constituintes verbo e sujeito e questões de focalização. Tais pontos serão desenvolvidos ao longo do texto.

anos 90 se deve ao fato de estarem concentradas ali parte das evidências que servem de base para diversas análises descritivas até os dias atuais.

Na primeira parte do texto, apresentarei uma introdução das discussões propostas por Duarte em seus trabalhos de 1992 e 1993, bem como as evidências encontradas naquele momento que servem de base para futuras discussões sobre a ordem VS. Em seguida, tratarei do trabalho de 1995 relacionando essa pesquisa com o que sabemos hoje sobre a representação do sujeito pronominal no PB. No desenvolvimento, os temas a serem trabalhados dialogam com os resultados previamente apresentados a partir de Duarte, buscando discutir (i) a focalização a partir das interrogativas-Q no PB e no PE; e (ii) a possibilidade de o PB apresentar traços de uma língua de tópico marcado. Feitas essas discussões passo para as considerações finais em que me proponho a pensar sobre a questão do encaixamento linguístico.

1 PONTOS DE PARTIDA

1.1 Uma breve retomada dos trabalhos de Duarte (1992, 1993, 1995)

O trabalho pioneiro de Duarte (1992) apresenta a mudança de padrão gramatical pela qual passam as interrogativas-Q do Português Brasileiro ao longo do tempo. Trata-se de uma análise diacrônica que considera sete sincronias, utilizando uma peça teatral por período³. Uma contribuição importante desse trabalho, para além das descobertas linguísticas, é o fato de a autora elaborar uma amostra inédita de peças teatrais, mais especificamente comédias de costume.

³ A peça utilizada na primeira sincronia (1734) é de autoria de Antônio José, autor nascido no Rio de Janeiro, mas que passou boa parte da vida em Lisboa, incluindo o período de produção da peça. Por esse motivo será retirada da amostra posteriormente. Os textos referentes ao último período estudado são textos de novela e serão substituídos por peças teatrais de acordo com os moldes da amostra mais adiante.

Um gênero, até então, pouco explorado como fonte de dados para os trabalhos empíricos e que tem se mostrado altamente produtivo.

De maneira ampla, o que os resultados mostram é que na primeira metade do século XIX o padrão das interrogativas-Q evidencia a gramática do Português Europeu (PE), fazendo prevalecer a ordem QVS, ilustrado em (1 a). Esse padrão se mantém até o início do século XX, quando a ordem dos elementos muda e surge o padrão com ordem SV nas interrogativas. A ordem SV, de acordo com o que observa Duarte, parece estar inicialmente dependente da clivagem para ser licenciada⁴ resultando no padrão exemplificado em (1 b):

(1) a. **Que tens tu**, Emília? (O noviço - 1845)

b. **O que é que você sabe fazer** de prático? (Um elefante no caos - 1955)

No gráfico reproduzido abaixo a expansão da ordem QSV fica muito evidente:

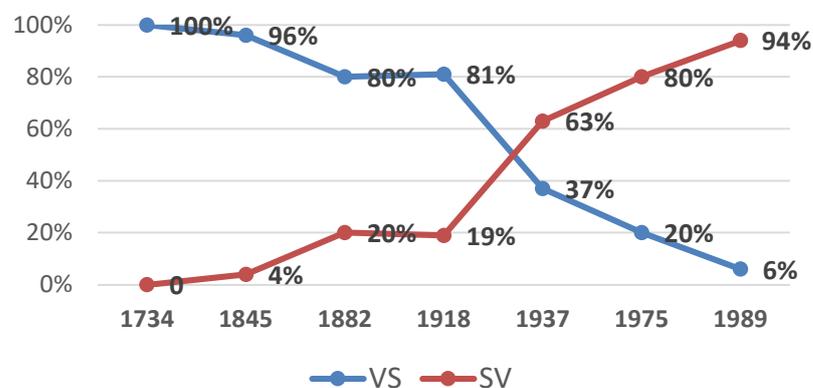


Gráfico 1: Evolução da ordem VS e SV em interrogativas diretas (DUARTE, 1992, p. 41)

⁴ Agradeço a sugestão de um dos pareceristas e indico a leitura de Ross (1967) para entender melhor sobre o licenciamento das clivadas nesse contexto. Esse debate foge do escopo do presente trabalho.

Nas três primeiras sincronias, a ordem QSV se mantém um pouco abaixo dos 20% e as poucas ocorrências, segundo Duarte, aparecem exclusivamente associadas à clivagem. Somente na virada para o período quatro, correspondente aos anos 1930, é possível observar o aumento de estruturas clivadas e os dois padrões - Q VS e Q *é que* SV - aparecendo em distribuição complementar. A autora detecta, portanto, uma relação entre presença de clivagem e ordem SV; na ausência de clivagem, a ordem é VS.

Já no período correspondente aos anos 1950, ordem VS aparece apenas com sintagmas interrogativos argumentais e a distribuição equilibrada entre VS e SV verificada anteriormente já não pode mais ser constatada. Além dessas alterações, Duarte afirma que o sistema passa a apresentar ordem SV com ou sem clivagem, de maneira pouco consistente no início, mas esse padrão vai ficando cada vez mais robusto. A partir de 1975, a ordem QSV é predominante. A ordem QVS fica restrita aos verbos monoargumentais, tal como ocorre nas declarativas. Além disso, a clivagem pode ou não aparecer, como ilustram os exemplos retirados do referido estudo que mostram em sequência uma interrogativa clivada com ordem SV; uma QSV sem clivagem e uma com ordem QVS com verbo monoargumental:

- (2) a. **Como** *é que* você sabe? (A mulher integral - 1975)
- b. E **por que** os erros persistem? (A mulher integral - 1975)
- c. **Onde** andar a Neiva? (No coração do Brasil - 1992)

Ao lado de outros trabalhos que investigaram as interrogativas-Q nos anos 90, como Lopes Rossi (1993, 1996), a análise de Duarte traz uma contribuição essencial para a descrição desse tipo de estrutura e será retomada por diversos autores até os dias atuais.

No trabalho de 1993, Duarte utiliza a mesma amostra de peças para investigar a representação do sujeito pronominal. O resultado mostra a explícita relação entre a expressão do pronome e a redução do paradigma flexional do PB. Esse trabalho foi reeditado em 2018 ganhando algumas atualizações e mostra o seguinte quadro:

	PRONOMES NOMINATIVOS	PARADIGMA 1 SÉCULO XIX	PARADIGMA 2 SÉCULO XX/1	PARADIGMA 3 SÉCULO XX/2
1PS	eu	Canto	Canto	canto
1PP	nós <i>a gente</i>	cantamos -	cantamos cantaØ	cantamos cantaØ
2PS	tu <i>você</i>	cantas -	cantas cantaØ	canta(s) cantaØ
2PP	vós <i>vocês</i>	cantais cantam	- cantam	- canta(m)
3PS	ele, ela	cantaØ	cantaØ	cantaØ
3PP	eles, elas	cantam	cantam	canta(m)

Quadro 1: Evolução dos paradigmas flexionais do PB.

Fonte: Duarte (2018, p. 85)

A autora aponta já nesse trabalho, ainda que com base em uma amostra pequena, uma evidente relação entre riqueza flexional e a representação do sujeito. Conforme Galves (2001) aponta, temos relação entre uma morfologia forte e a possibilidade de pronomes nulos na posição de sujeito e uma morfologia fraca que pede a presença de pronomes plenos na referida posição. Além disso, ficam evidentes as diferenças entre o comportamento da 1ª e 2ª pessoas contra o da 3ª. De maneira geral, o resultado de Duarte (1993, 2018) identifica três estágios na mudança, correspondendo à crescente simplificação do paradigma flexional:

1- Nos três primeiros períodos, ainda temos os pronomes *tu* e as formas nominais de tratamento em distribuição complementar e o uso do pronome de primeira pessoa do plural *nós* - comportamento de Línguas de Sujeito Nulo Consistente;

2- Nos períodos quatro e cinco, com peças escritas nos anos 1930 e 1950, *você* toma o lugar de *tu* o que resulta em uma forte queda no total de sujeitos nulos;

3- Com a entrada de *a gente*, já suplantando *nós*, nos períodos seis e sete, vemos que o PB já não exibe o comportamento de língua de sujeito nulo consistente.

O gráfico abaixo mostra a tendência geral de redução dos sujeitos nulos, comum às três pessoas do discurso. As peculiaridades de cada pessoa são discutidas por Duarte (1993, 2018) e a terceira pessoa aparece como um contexto de resistência à implementação do sujeito expresso.

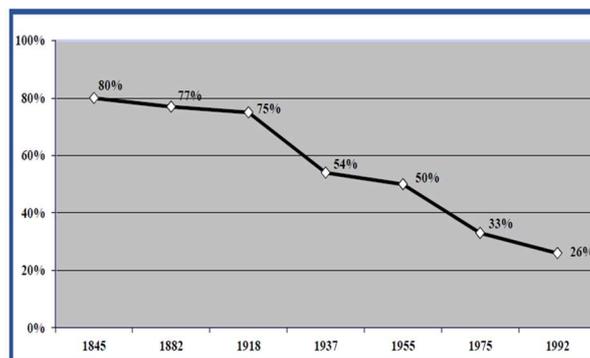


Gráfico 2: Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) nas 3 pessoas do discurso.

Fonte: Duarte (2018, p. 88)

Um dado interessante destacado no trabalho diz respeito às diferenças entre fala e escrita. A autora compara a porcentagem de sujeitos nulos e expressos que aparecem no texto escrito em oposição ao que é falado na representação da peça e encontra taxas significativamente diferentes, especialmente na 3ª pessoa. Essa observação é importante, pois reforça a confiabilidade de uma amostra constituída a partir de peças teatrais.

Duarte conclui observando que essa não é uma mudança isolada na língua e que por hipótese ela está relacionada ao enfraquecimento dos clíticos de 3ª

pessoa na fala, já que Tarallo e Kato (1987) apontam ambos os processos como responsáveis pela restrição à ordem VS.

Passarei agora para o trabalho de Duarte (1995) que é um desenvolvimento da análise de 1993, no qual a autora traz importantes informações sobre o comportamento do PB em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo.

O trabalho analisa a língua falada a partir de dados do projeto NURC-RJ – anos 90. No resultado geral, a análise apresenta a seguinte distribuição: 29% de sujeitos nulos e 71% de sujeitos expressos (1ª, 2ª e 3ª pessoas). A amostra está dividida em 3 faixas etárias e os mais velhos apresentam taxas um pouco altas de sujeito nulo do que os mais jovens, o que pode indicar uma mudança em tempo aparente.

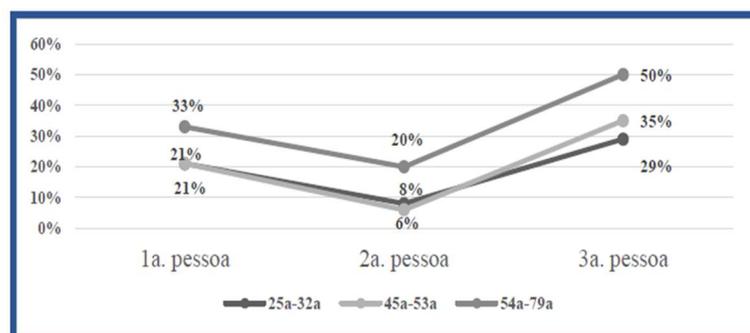


Gráfico 3: Distribuição dos sujeitos nulos (versos expressos) por faixa etária e pessoa do discurso

Fonte: Duarte (1995, p. 48)

O recorte por faixas etárias parece confirmar o que já havia sido observado na análise com as peças (Duarte, 1993). Os índices mais baixos de sujeito nulo estão na 2ª pessoa, seguida da 1ª. A 3ª pessoa segue sendo um contexto de mais resistência e mantém um índice um pouco mais expressivo de nulos.⁵ Olhando

⁵ Cabe aqui destacar uma observação de um dos pareceristas que reflete sobre a influência de fatores extralinguísticos, que não são o foco desta discussão, na distribuição desses dados e

paras as faixas etárias, Duarte observa que os falantes mais velhos são quem exibem as taxas mais elevadas de sujeitos nulos.

Os exemplos em (3) mostram sujeitos de 1ª e 3ª pessoa expressos, retirados da amostra de Duarte (1995):

(3) a. Porque eu não ‘tava certo se eu ia querer fazer escola técnica ou se eu queria continuar fazendo o científico.

b. Essa minha tia que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... Ela é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba...

Com o trabalho de Duarte (1995) fica claro então que a mudança em direção aos sujeitos preenchidos segue uma hierarquia de referencialidade, começando a se implementar nos sujeitos de 1ª e 2ª pessoas (que têm o traço inerentemente [+humano]) e prossegue com os de terceira pessoa, de menor grau de referencialidade, (já que estes podem manifestar os traços [+/-humano] ou [+/-animado] combinados ao traço [+/-específico]). Os sujeitos proposicionais, que retomam uma oração, sendo representados nas línguas de sujeito nulo por uma categoria vazia ou um demonstrativo neutro (“isso”), são afetados mais lentamente, enquanto os sujeitos não argumentais, isto é, os sujeitos das orações impessoais, são os contextos de maior resistência para o preenchimento pronominal.

considera que a resistência de nulos de terceira pessoa pode estar ligada ao perfil socioeconômico dos autores/atores das peças, haja vista que a Sociolinguística registra uma polarização entre essas sincronias passadas (MATTOS E SILVA, 2004), uma vez que concordância verbal zero, inclusive em terceira pessoa, é uma marca forte do português popular brasileiro, o que, por efeito, implicaria na realização plena do pronome. A faixa etária e a resistência de nulos nos falantes mais velhos também pode ser um fator relevante para a análise Sociolinguística do fenômeno.

Posteriormente, Cyrino, Duarte e Kato (2000) apresentam uma proposta de uma hierarquia referencial que funciona como uma espécie de percurso a ser seguido pela mudança na representação do sujeito pronominal.

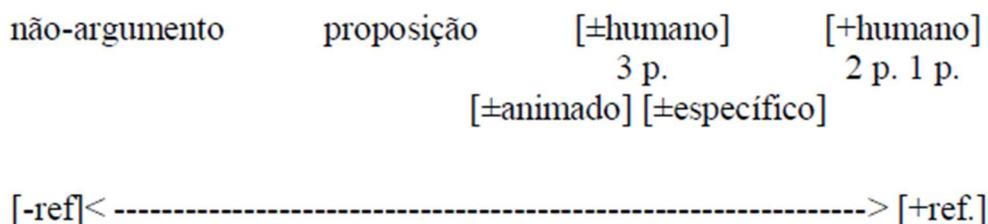


Figura 2: Hierarquia de referencialidade (CYRINO, DUARTE, KATO; 2000, p. 59)

A análise de Duarte (1995) dá destaque para uma construção sintática que ainda não havia sido verificada na análise com as peças teatrais: os casos de deslocamento à esquerda de sujeito. Trata-se de um padrão ausente ou muito raro em línguas de sujeito nulo consistente, como o italiano e o PE. Voltarei a tratar desses dados mais adiante, na seção 2.2 quando falarei sobre as construções de tópico marcado.

2 DESENVOLVENDO ANÁLISES A PARTIR DOS TRABALHOS DE DUARTE (1992, 1993 E 1995)

2.1 As interrogativas-Q no PE e no PB a partir de Duarte (1992)

Diversos trabalhos foram desenvolvidos na esteira das evidências levantadas por Duarte (1992). Optei por tratar aqui de alguns deles, mais especificamente aqueles que se relacionam diretamente com a amostra de peças teatrais iniciada pela referida autora para sua investigação de 92. A fim de traçar um panorama mais geral sobre as repercussões desse trabalho, apresentarei nesta seção resultados diacrônicos começando pelas interrogativas-Q do PE e,

posteriormente, recuperando alguns pontos já trazidos por Duarte para as interrogativas do PB.

Nicolau de Paula (2016) apresenta uma análise diacrônica das interrogativas-Q no PE a partir de uma amostra de peças teatrais que foi elaborada com o objetivo de possibilitar resultados comparáveis aos de Duarte (1992), contendo, portanto, sete sincronias e se valendo apenas de textos leves e comédias de costume. As diferenças entre os padrões de interrogativas dessas duas gramáticas podem ser resumidas na seguinte tabela:

PB	PE
PADRÃO 1 - QSV	PADRÃO 1 - QVS
PADRÃO 2 – Q é que SV	PADRÃO 2 – Q é que SV
PADRÃO 3 – Q que SV	PADRÃO 3 – Q é que V
PADRÃO 4 – Q <i>in situ</i>	PADRÃO 4 – Q <i>in situ</i> **

Quadro 2: Padrões de interrogativas-Q no PB e no PE

O resultado geral encontrado por Nicolau de Paula (2016) pode ser resumido no gráfico abaixo e mostra uma diferença no comportamento do PE em relação ao PB quando tratamos das interrogativas-Q e dos padrões sintáticos mais recorrentes:

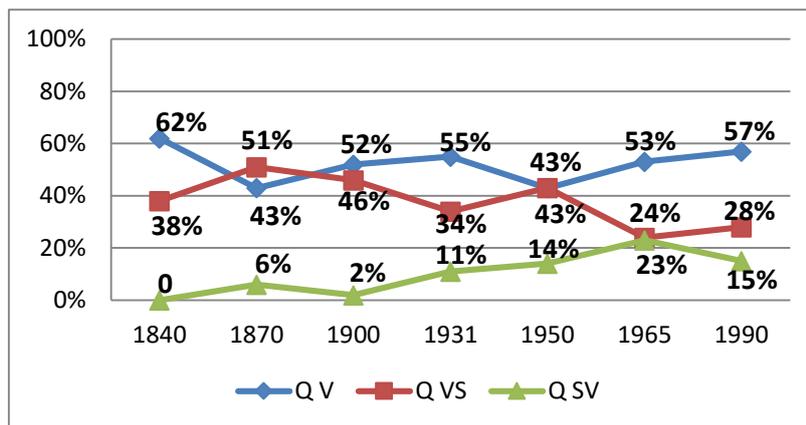


Gráfico 4: Distribuição da ordem nas interrogativas Q ao longo de sete períodos no PE

Fonte: Nicolau de Paula (2016)

Chama a atenção a constante presença de interrogativas-Q com sujeito nulo (Q é que V), esse padrão fica na faixa dos 50% em todos os sete períodos analisados. Nesse aspecto, não é possível uma comparação direta com os resultados de Duarte, pois a autora não considerou sentenças com sujeito nulo naquele momento. Esse levantamento foi feito por Pinheiro e Marins (2012), trabalho que discutirei mais adiante.

As interrogativas com ordem QVS também apresentam taxas bem elevadas até o período 5, que equivale aos anos 1950. Depois disso, mostram uma queda importante nos períodos 6 e 7 da amostra analisada. Em comparação com o que foi encontrado por Duarte no PB, o cenário é diferente, já que a ordem QVS começa a decair mais cedo no PB do que no PE.

O padrão QSV mostra uma leve subida nos dois períodos finais. Essas sentenças são em quase 100% dos dados interrogativas-Q clivadas (Q é que SV), um padrão já descrito como possível no PE (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003). Diferentemente do PB, que segundo Duarte (1992) mostra um aumento muito explícito de interrogativas QSV, o aumento desse padrão no PE é discreto e o sistema não licencia esse padrão sem a presença de clivagem como acontece no PB. A utilização da clivagem parece uma estratégia possível em ambas as gramáticas. Retomarei esse tópico mais adiante quando falarei sobre a

focalização. Em (4) temos alguns exemplos de interrogativas da amostra de peças do PE retirados de Nicolau de Paula (2016)

- (4) a. E que idade tem agora? (A invenção do guarda-chuva – 1930)
- b. Quando chega? (A menina feia - 1965)
- c. Mas porque saiu ela de casa? (A senhora ministra – 1870)
- d. Que surpresa hei-de eu fazer à pequena? (Quem desdenha – 1870)
- e. Desde quando é que os filhos dão ordens aos pais? (É urgente o amor – 1950)
- f. E como foi que este doido entrou aqui? (O meu caso – 1950)

Voltando às interrogativas-Q com sujeito nulo, essas sentenças no PB foram analisadas por Pinheiro e Marins (2012) que fazem uso da mesma amostra de peças de Duarte (1992), com o objetivo de verificar uma correlação entre perda de sujeito nulo e expansão de QSV, hipótese levantada por Duarte (1993) com base no argumento de que a perda de sujeito nulo acarretaria para a língua uma restrição à ordem VS livre. Observando o gráfico com o resultado levantado pelos autores fica bem clara a queda paralela das interrogativas com ordem VS e das sentenças com sujeitos nulos na diacronia do PB. Já na última sincronia analisada, temos um retrato do sistema de interrogativas-Q do PB: um elevado índice de QSV e menos de 15% de interrogativas com sujeito nulo e ordem QVS, conforme já constatado por Duarte.

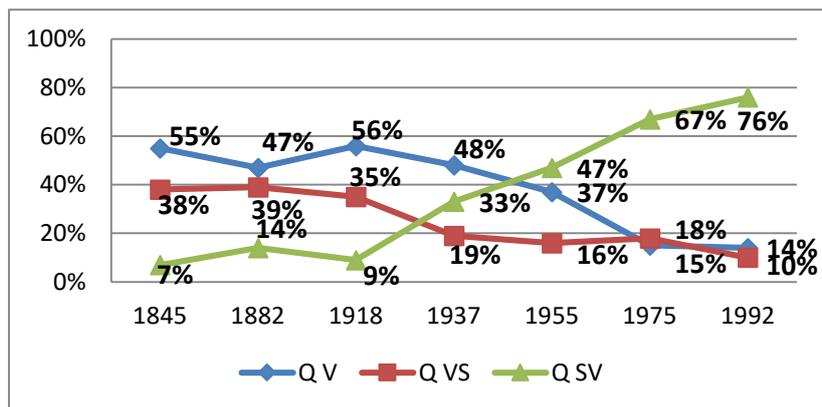


Gráfico 5: Expressão do sujeito x ordem em interrogativas Q – adaptado de Pinheiro e Marins (2012)

Os autores reforçam que a mudança na ordem de VS para SV não acontece isoladamente. É justamente na passagem do terceiro para o quarto período, que corresponde ao ano de 1937, que o aumento de SV começa a ser notado e é nesse mesmo período que o sujeito nulo começa a cair junto com a ordem VS.

O gráfico mostra que o sujeito pleno e a ordem QSV crescem juntos. A clivagem atua paralelamente aos dois processos e tem um forte efeito no período referente ao ano de 1937, momento em que a competição entre sujeito nulo e pleno, bem como entre a ordem QVS e QSV fica evidente. No período seguinte, a ordem QSV já não depende mais da clivagem. Diante desse resultado, é possível pensar que a mudança de VS para SV nas interrogativas do PB é, de fato, um fenômeno paralelo à remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).⁶

Além de sentenças com ordem QVS, outro ponto que merece atenção são as interrogativas com clivagem. Esse padrão aparece tanto no PB quanto no PE, mas em distribuições bem diferentes. Voltarei minha atenção para esse padrão na seção 2.2, quando tratarei brevemente da diacronia do processo de focalização no português.

⁶ Embora seja possível perceber certa relação entre pro-drop e ordem com base nos dados aqui expostos, um dos pareceristas aponta que não parece, de fato, haver motivação para marcação condicional desses parâmetros nas línguas naturais. Concordo com essa observação, ainda que por conta de limitações de espaço, a discussão não seja mencionada aqui.

O estudo iniciado por Duarte para as interrogativas-Q do PB segue rendendo frutos. Apresentarei aqui dois trabalhos recentes que dialogam diretamente com Duarte (1992) e são resultado de um projeto de iniciação científica. Um deles é o trabalho de Moreira (2019) que buscou expandir a amostra de peças brasileiras e estabelecer comparações com os resultados de Duarte (1992). Mencionarei também o trabalho de Saliba (2019) que se propôs a avançar um pouco na linha do tempo e investigar peças teatrais um pouco mais recentes. Um ponto em comum de ambas as pesquisas é a presença de sentenças com clivagem como padrões importantes caracterizando as interrogativas-Q do PB.

O trabalho de iniciação científica de Moreira (2019) teve como um dos objetivos entender como a clivagem se relaciona com as mudanças nas interrogativas-Q. A pesquisa, que aumentou a amostra de peças de Duarte (1992), encontra registros de ordem QSV, ainda que em taxas bem baixas, desde a primeira sincronia analisada (1845). Ao separar os dados a fim de verificar se essa ordem SV está ou não relacionada à clivagem nesses períodos, constata-se a presença de casos de QSV sem clivagem.

Esses dados são evidências para reforçar a hipótese de que a ordem SV já existia como uma possibilidade no sistema, de forma restrita, por isso não seria condicionada pela clivagem. A clivagem é interpretada como uma consequência da perda da ordem VS (para focalizar o sujeito) e mudanças que essa perda deixa no sistema, conforme discutirei na seção seguinte.

Os exemplos em (5) mostram as possibilidades com as quais o sistema passa a contar quando a perda de QVS começa a ser mais contundente. (5 a) ilustra a clivagem. O sistema convive com QVS e clivagem com SV por um tempo antes de as interrogativas do tipo (5 b) aparecerem de modo mais robusto. Por fim, nos períodos mais recentes aparece a estrutura clivada sem cópula em (5 c).

- (5) a. Como é *que* **você gostaria** de me ver vestida? (período 6)
 b. Quanto a **senhora tem**? (período 5)
 c. Que bala, Margareth? Do *que* **tu tá falando**? (período 7)

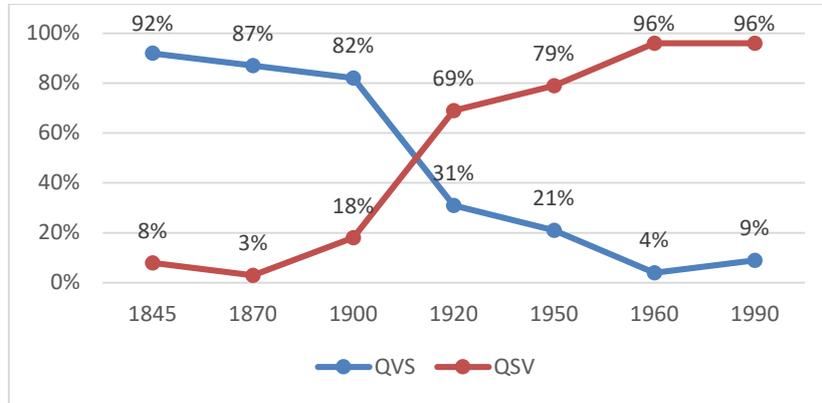


Gráfico 6: A diacronia da ordem VS e SV no PB a partir de uma amostra expandida de peças teatrais.

Fonte: Moreira (2019)

Saliba (2019), também em um trabalho de iniciação científica, apresenta uma nova linha do tempo e traz uma análise diacrônica com dados de peças teatrais de 1930 a 2010, organizando a amostra em sete sincronias de modo que a comparação com os resultados prévios seja possível, e apresenta seus resultados gerais no seguinte gráfico:

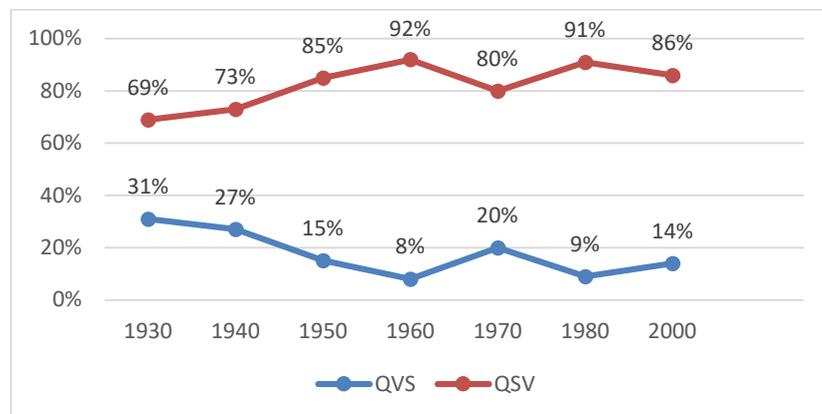


Gráfico 7: Ordem VS e SV ao longo de sete períodos no PB.

Fonte: Saliba (2019)

A autora faz um mapeamento detalhado dos padrões sentenciais e propõe dois grupos de interesse: grupo 1 - interrogativas com ordem SV sem clivagem, interpretadas como um padrão mais básico e grupo 2 - interrogativas com padrões marcados, nesse grupo estão dois tipos de clivadas e as sentenças com *Q in situ*.

Há uma presença constante de um tipo de interrogativa clivada ao longo de quase todos os períodos, mas esse cenário muda nas sincronias finais. Trata-se do padrão ilustrado em (6 a), denominado clivada invertida. Esse tipo de estrutura vai apresentando redução nas taxas ao longo do tempo, uma vez que outro tipo de clivagem entra em cena. Em (6 b), vemos um exemplo da clivada sem cópula que ganha muito espaço e passa a funcionar paralelamente à clivada invertida.

Na sincronia representativa dos anos 1930, as clivadas invertidas são 97% do total de interrogativas do grupo 2, já no período mais recente, elas representam 66% dos dados. A clivada sem cópula passa a ser registrada somente a partir dos anos 60, com 15% dos dados das sentenças do grupo 2. Esse padrão alcança 35% nos anos 1970 e depois apresenta taxas mais baixas nos períodos mais recentes. Essa redução nas taxas possivelmente tem relação com a amostra analisada, já que outros estudos indicam ser a clivada sem cópula uma tendência do PB contemporâneo.

As sentenças com *Q in situ* são registradas desde a primeira sincronia, mas não ultrapassam 3 dados por período até os anos 1960 quando as taxas começam a subir e alcançam 22% dos dados nos anos 2000. Os padrões estão exemplificados em (6):

(6) a. Que é que você acha? (Da necessidade de ser polígamo, 1949)

b. Que que vou dizer a ele? (A mulher integral, 1975)

c. Você explica quando? (Planejamento familiar, 1981)

Os resultados estão em consonância com o que outros autores que tratam do tema apresentam para o PB, por exemplo, Kato (2020), que faz uma retomada de pesquisas prévias sobre a diacronia das interrogativas-Q e afirma que as clivadas invertida e sem cópula estão entre os padrões mais frequentes no PB contemporâneo. O padrão Q *in situ* não aparece com tanta frequência nessas amostras de peças teatrais, nem no PB, nem no PE.

A partir do comportamento da clivagem nas interrogativas, podemos traçar algumas reflexões sobre estratégias de focalização e como elas estão configuradas ao longo do tempo no Português.

2.2 Algumas reflexões sobre o processo de focalização

Os primeiros registros de pseudoclivadas interrogativas são apresentados por Kato e Ribeiro (2009) que afirmam encontrar esses dados a partir do século XIV. Já os primeiros dados de interrogativas clivadas só aparecem, segundo Kato e Ribeiro, no século XVII, exemplificado em (7). Kato (2020) retoma trabalhos anteriores e afirma que os estudos diacrônicos mostram que as clivadas invertidas com *é que* começaram a aparecer desde o Português Clássico (PCL).

(7) Com que substantivo é que concordam?

Apesar de serem registradas anteriormente, as clivadas interrogativas só aparecem de modo mais consistente no século XIX (cf. Lopes Rossi (1996), Duarte (1992), Pinheiro e Marins (2012), Nicolau de Paula (2016) entre outros). Em se tratando das declarativas, o trabalho de Longhin (1999) encontra as primeiras ocorrências de clivadas invertidas no século XVII e clivadas canônicas no século XVIII. Esses resultados indicam que entre os séculos XVII e XVIII o sistema passa

por uma mudança no domínio das estratégias de focalização: a entrada da clivagem no sistema.

Esse processo tem sido descrito como um rearranjo no sistema de focalização de constituintes que acontece como reflexo da perda da gramática V2. A passagem de uma gramática V2 para um sistema SVO acarreta o surgimento de uma posição pré-verbal não marcada, como observam Pinheiro e Marins (2012), entre outros. A consequência disso é o aparecimento de uma estratégia de focalização alternativa – a construção clivada.

Uma descrição detalhada desse processo aparece no estudo de Silveira (2017). A autora aponta que até o século XVIII, o português tem comportamento de língua V2, licenciando o movimento do verbo para uma posição mais alta na periferia esquerda. A ordem SV é interpretada como um padrão marcado no sistema V2, já que a posição a esquerda do verbo é, tradicionalmente, destinada a elementos com proeminência discursiva, ou seja, trata-se de uma posição pré-verbal marcada que recebe sintagmas focalizados. Essa característica desaparece quando a língua perde a restrição V2, como mencionei acima. A partir de 1700, parece se configurar uma nova gramática em que o verbo não se move para uma posição mais alta. O cenário apresenta sujeitos na posição canônica e ausência de subida do verbo.

Essa descrição reforça o argumento de que a expansão da clivagem no sistema é consequência da evolução da gramática. Uma vez que nenhum princípio formal é violado na clivada, é natural que ela seja utilizada também em línguas que apresentam VS como estratégia preferida (Belletti, 2008) – caso do PE.

Considerando o que apontam as descrições, podemos traçar o seguinte panorama geral: com o fim da gramática V2, o movimento do verbo para uma posição mais alta, que gera a ordem QVS, não é mais exigido, ou seja, não é mais obrigatório o verbo estar em uma configuração especificador - núcleo. Além

disso, como consequência desse mesmo processo, uma nova projeção entra em cena – FocP. Assumo aqui, assim como Kato (2020) que essa projeção receberia os elementos focalizados e também os sintagmas interrogativos⁷. O PE apresentaria a seguinte distribuição: sintagma interrogativo em spec FocP, verbo em T e o sujeito não tem movimento, gerando a ordem QVS, o padrão básico. Esse padrão convive com a clivagem (Q é que SV) já que esta é uma possibilidade no âmbito da focalização. Na gramática do PB, destacam-se dois pontos de diferença: uso mais generalizado das clivadas e a ordem básica QSV, que é justificada pelo fato de o sujeito precisar fazer um movimento para uma posição mais alta (spec TP) para checar seu traço EPP. A posição de núcleo de FocP fica vazia, pois supostamente é ali o local de pouso do complementizador nos casos da clivada sem cópula, tão frequentes no PB.

Na próxima seção, passarei para a discussão sobre um padrão específico de construção de tópico marcado que aparece no trabalho de Duarte (1995) e abre espaço para algumas observações importantes sobre o estatuto do PB, no que diz respeito a essas construções.

2.3 As construções de deslocamento à esquerda de sujeito

A partir do trabalho pioneiro de Pontes (1987) diversas pesquisas considerando o *status* do PB em relação às construções de tópico marcado foram desenvolvidas. Trabalhos como Orsini (2003), Vasco (1999, 2006), Vasco e Orsini (2007) fizeram ampla descrição do conjunto das construções de tópico marcado no PB, o que lhes permitiu advogar em favor da inclusão do PB entre as línguas com proeminência de tópico e de sujeito.

⁷ Um dos pareceristas destaca o fato de não ser consenso na literatura formal que wh se move para FocP, uma vez que alguns autores defendem que não só wh, mas força, foco, finitude e tópico estejam em CP.

Duarte (1995) trata de um tipo específico de construção de tópico marcado e registra casos de sentenças, na época chamadas de “duplo sujeito”. A partir daí, outros trabalhos ganham impulso no detalhamento desse tipo de estrutura. Até o trabalho de Duarte (1995), não temos conhecimento de estruturas de Deslocamento à esquerda (DE) com um pronome em posição de tópico. Também foi na esteira desse trabalho que surge, em 1999, o artigo de Kato sobre pronomes fortes e fracos no PB. Kato (1999) trata da decomposição dos pronomes pessoais no PB e as construções de DE sujeito que apresentam pronomes na posição de tópico, retomados pelas mesmas proformas no interior da sentença comentário servem de evidência para a tese defendida no artigo, afinal parece que estamos diante de dois tipos de pronomes distintos: um pronome forte na posição de tópico e um pronome fraco na sentença comentário.

Duarte (1995) apresenta uma análise das construções no PB culto falado e observa que nosso sistema impõe menos restrições sobre o tópico quando comparado a outras línguas, como o italiano, o espanhol e o francês. Por exemplo, no PB, o tópico não precisa ser necessariamente dado e definido. A autora encontra ocorrências de tópico indefinido, como nos exemplos abaixo. Vale ressaltar que ainda que indefinidos, a maioria dos dados desse tipo são DPs com traço + específico.

(8) a. Eu acho que [um trabalho]_i, ele_i teria que começar por aí. (Duarte, p.109)

b) [Um homem comum]_i ele_i tem o conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu? (Duarte, p.109)

Observamos que os tópicos *um trabalho* e *um homem comum* não apresentam marcas morfológicas de definitude, ou seja, um artigo ou pronome definido, porém estão na posição de tópico das estruturas acima sem que isso as torne agramaticais. A autora também comenta a presença de pronomes de

referência arbitrária ocupando a posição de tópico como o caso de (9), em que o você não possui valor de segunda pessoa, mas sim uma referência genérica.

(9) [Você]_i, quando você_i viaja você_i passa a ser turista... (Duarte, p.111)

As construções de DE sujeito são interpretadas pela autora como reflexo da mudança na marcação do PSN, visto que são estruturas ausentes nas línguas ocidentais de sujeito nulo (cf. Duarte 1995).

Em relação à produtividade dessas sentenças, o trabalho de Duarte apresenta exemplos da estrutura de DE sujeito sendo utilizada em contextos de rádio e TV, por exemplo. A autora observa que a preferência pela representação fonética do sujeito pronominal “[...] *anuncia o afastamento do PB do grupo de línguas de sujeito nulo licenciado por Agr, ao exibir uma estrutura que essas línguas não exibem.*” (Duarte 1995, p. 114). Sob orientação de Maria Eugênia Duarte temos alguns trabalhos que seguiram no refinamento dessas estruturas. Tratarei brevemente do trabalho de Vasco (1999), Orsini (2003) e Nicolau de Paula (2012):

Vasco (1999) analisa as construções de tópico marcado no PB e no PE oral. Uma diferença importante encontrada pelo autor é que o PB apresenta um número maior de anacolutos⁸ que o PE (12% no PB e 7,5% no PE). A baixa frequência, certamente decorre do fato de o PE ser língua de proeminência de sujeito. Os resultados encontrados no trabalho de Vasco (1999) são muito interessantes no que diz respeito à diferenciação das gramáticas do PB e PE.

O trabalho de Orsini (2003) aponta para uma recategorização do PB segundo a tipologia das línguas de Li e Thompson. Os resultados indicam que

⁸ Construções de anacoluto são aquelas em que não há qualquer vinculação sintática entre tópico e comentário. Em sentenças desse tipo, o vínculo é apenas semântico e esse padrão pode aproximar a construção de estruturas presentes em línguas orientadas para o discurso nas quais construções de tópico ocorrem de maneira muito produtiva.

compartilhamos um conjunto de características com as línguas de tópico.

Conforme a autora afirma, o PB:

codifica superficialmente o tópico por meio de uma posição definida na sentença; prefere sujeitos plenos a vazios, que só ocorrem em línguas de proeminência de sujeito; apresenta construções semelhantes ao tópico chinês, estruturas prototípicas de tópico - comentário; estabelece uma relação de correferência entre tópico e comentário, o mesmo não ocorrendo com o sujeito; não sofre restrições quanto à natureza do elemento topicalizado; define a sentença tópico-comentário como sendo básica, isto é, não derivada de outras. (ORSINI, 2003, p.178).

Nicolau de Paula (2012) apresenta um refinamento da descrição das construções de DE sujeito a partir de amostra de fala popular do Rio de Janeiro reforçando as conclusões de que não há restrições para o tipo de elemento na posição de tópico. A autora estabelece uma relação com a hierarquia referencial e aponta que contextos menos resistentes à implementação do sujeito favoreceram construções de DE sujeito, fazendo com que sua frequência seja elevada; contextos mais resistentes ao preenchimento do sujeito revelarão menos ocorrências de DE sujeito. Os sujeitos com o traço [-animado] e os genéricos são os mais resistentes à mudança em direção ao sujeito pronominal preenchido. Em consequência, a incidência de construções de DE sujeito com o tópico reunindo esses traços são menos frequentes. Abaixo temos alguns exemplos retirados do trabalho de Nicolau de Paula (2012):

(10) a.[Esse grupo]_i, ele_i faz três viagens por ano.

b.[Eu]_i, antes de entrá pra escola, eu_i fui alfabetizado.

c.[A gente]_i, quando a professora sai para ir em alguma- na sala de alguma pessoa, a gente_i faz muita arte.

d.porque [Romário]_i ele_i falô mesmo que ele sai.

e.[Esse negócio de contrato]_i, isso_i dura pouco, né?

Orsini (2012) apresenta uma análise diacrônica baseada em peças teatrais dos séculos XIX e XX, utilizando parte da amostra inicialmente construída por Duarte (1992). O levantamento com dados das peças indica a presença das construções de tópico marcado também na escrita e a autora afirma também que não são encontradas restrições formais para as construções de tópico marcado desde o século XIX. Outro ponto interessante destacado nesse trabalho é a observação, já evidenciada por outros autores anteriormente, de que há uma complementaridade na distribuição de Topicalização (exemplo 11) e DE sujeito:

(11) ... O meu vestido está quase pronto; e [o teu], não sei quando [__] estará.

A complementaridade entre construções de tópico marcado que envolvem o sujeito e o objeto é mais uma evidência de que essas estruturas também obedecem a hierarquia de Cyrino, Duarte e Kato (2000). As autoras apresentam a hipótese de que mudanças em direção a pronomes nulos ou plenos acontecem de maneira a seguir uma certa ordem. Se a direção é o preenchimento, como é o caso do sujeito no PB, a mudança se implementa a partir dos itens mais referenciais, que carregam o traço inerentemente [+humano]. Se a direção é no sentido de uma categoria vazia, caso dos complementos verbais (objeto nulo, por exemplo) a mudança se inicia pelos itens menos referenciais, como é o caso da implementação do objeto nulo.

As construções de DE sujeito e topicalização de objeto estariam se comportando dentro desse padrão, já que a tendência encontrada é de grande uso de deslocamento à esquerda envolvendo o sujeito, uma vez que esse padrão envolve o preenchimento desta posição sintática e quando tratamos dos complementos verbais, a preferência é pelo uso da topicalização, que permite que a referida posição fique vazia, tendência geral dos objetos no PB. Considerando que mudanças linguísticas se dão de maneira encaixada no sistema, podemos

pensar que os resultados aqui apresentados podem servir como evidência desse encaixamento. Passarei a discutir essa questão na seção a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Evidências para o encaixamento da mudança

De acordo com assunções da Teoria da Variação e Mudança (WEIRINCH, LABOV, HERZOG, 1968), as mudanças não acontecem de maneira isolada no sistema e sempre deixam marcas na estrutura da língua. A mudança apontada por Duarte (1993, 1995) no âmbito do sujeito e sua representação no PB parece se relacionar com alguns dos pontos que foram tratados aqui e nesta seção final buscarei traçar alguma relação entre eles.

Conforme apresentei nas seções iniciais, a preferência por sujeitos pronominais cada vez mais expressos no PB parece ter como consequência uma crescente restrição à ordem VS livre, visto que essa é uma das características de línguas de sujeito nulo. Reflexos da perda de VS podem ser observados nas interrogativas-Q, como apontou o trabalho de 1992. O cenário do PB contemporâneo conta com um uso difundido de interrogativas-Q clivadas de dois tipos principais: clivadas invertidas e reduzidas, mas além disso, diferentemente do PE, temos a possibilidade de uma ordem QSV licenciada independentemente da clivagem.

A questão da possibilidade de uso da clivagem não parece estar em direta relação com a perda de VS nas interrogativas, como já discuti acima, mas a expansão de um padrão SV sem clivagem possivelmente é uma mudança encaixada que se dá como reflexo da mudança na expressão do sujeito; os dados e resultados empíricos podem comprovar isso.

Outro fenômeno com o qual a mudança na representação do sujeito pronominal se relaciona é o crescente uso de DE sujeito. Essa construção é característica de línguas com sujeito expresso, já que tópico e retomada têm o

mesmo correferente gerando uma estrutura de sujeitos “duplicados”. Essas construções acompanham a hierarquia de referencialidade (Cyrino, Kato e Duarte, (2000)), que indica que num processo de mudança em direção ao preenchimento do sujeito, os itens [+ referencial] e [+ humano], no ponto mais alto da hierarquia são os primeiros a se tornarem plenos e são exatamente esses os que mais aparecem como tópicos nas construções de DE sujeito, reforçando a interpretação de que se trata de mudanças encaixadas.

O estudo de construções de tópico marcado joga luz para o fato de que a ausência de restrições formais para o elemento na posição de tópico e a vasta possibilidade de retomadas são traços bem característicos do PB, diferente de outras línguas românicas, como o francês, por exemplo, uma língua de proeminência de sujeito que apresenta uma série de restrições para o elemento na posição de tópico.

A presença cada vez mais consistente de DE sujeito e Topicalização de objeto tanto na fala quanto na escrita, diferente do que acontece no PE e no espanhol, também podem servir evidências para posicionar o PB em um grupo diferente das línguas de sujeito nulo consistente e também das línguas com proeminência de sujeito. Nesse caso, o PB seria classificado como uma língua mista (com proeminência de tópico e de sujeito), como argumentaram Vasco e Orsini (2007).

Diante dos trabalhos apresentados neste texto, é possível concluir que as evidências linguísticas, bem como a amostra de peças teatrais, produzidas por Duarte nos anos 90 são parte importante do repertório do conjunto de descrições da gramática do PB. A partir desses três trabalhos diversas outras análises foram sendo elaboradas e o refinamento da descrição foi sendo possível ao longo do tempo. Certamente, não mencionei todos os trabalhos que tomam Duarte como ponto de partida e nem foi essa a intenção neste texto, no entanto a partir de um

breve recorte, espero ter pontuado os novos caminhos que conseguimos trilhar na esteira dos estudos de Maria Eugênia.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, Adriana. *Answering Strategies: new information subject and the nature of clefts*. Ms, Università di Siena, 2008.

CYRINO, Sonia, DUARTE, Maria Eugenia, KATO, Mary. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A. e NEGRÃO, E.V. (Orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madri: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 2000. p. 55-73.

DUARTE, M. Eugênia L. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, n. 8, v. Especial, p. 37-52, 1992,

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 107-128

_____. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.

_____. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012

LONGHIN, Sanderleia Roberta. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Casmpinas, São Paulo.

MARINS, Juliana Esposito; PINHEIRO, Diogo. A trajetória das interrogativas Qu-clivadas e não clivadas no português brasileiro. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2013.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2004

NICOLAU DE PAULA, Mayara. *A ordem VS/SV e as interrogativas-Q no PE e no PB: uma análise diacrônica*. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NICOLAU DE PAULA, Mayara. Comparative diachronic analysis of wh-questions in Brazilian and European Portuguese. *Diadorim*, v. 19, n. Especial, p. 173-193, 2017.

ORSINI, Mônica T. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. 2003. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

ORSINI, Mônica T.; VASCO, Sérgio L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim*, n. 2, p. 83-97, 2007

PONTES, Eunice. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes. 1987.

RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira. As mudanças sintáticas do PE - Questões sobre periodização. In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth E. Vasconcelos Lopes; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 529-548.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. 1967. Ph.D. Thesis, Cambridge Massachusetts Institute of Technology.

SILVEIRA, D. M. A diacronia das clivadas e pseudo-clivadas: implicações da gramática V2 nas estruturas de foco. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, p. 267–287, 2017.

VASCO, Sérgio L, *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. 1999. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras.

_____. *Construções de tópico na fala popular*. 2006. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 29 de outubro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 12 de fevereiro de 2022.